



A fabricação dos humanos: questões éticas e políticas

Humans manufacturing: ethical and political issues

ATLAN, Henri. **O útero artificial**. Tradução Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

Ana Karinne de Moura Saraiva

Maria da Conceição Xavier de Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As descobertas científicas não mudarão, apenas, o desenvolvimento das técnicas em si, mas trarão significativas repercussões sociais, culturais, metafísicas e religiosas. É a partir desse macroargumento que Henri Atlan, em *O útero artificial*, incitará uma discussão profunda e inquietante sobre a ciência. Dentro do universo das produções tecnocientíficas, Atlan elege o útero artificial como representação da extraordinária e acelerada performance das tecnologias reprodutivas. A obra configura-se como parte de uma trilogia, se considerarmos dois outros títulos do mesmo autor – *A ciência é inumana? Ensaio sobre a livre-necessidade* (Editora Cortez, 2004) e *De embriões aos homens* (Editora Ideias e Letras, 2009). Hipóteses, argumentos técnicos e reflexões filosóficas comuns tratam, nas três obras, das temáticas de fecundação in vitro, de abortos e da clonagem, deixando explícitos o engajamento e o compromisso do autor com a ética de uma ciência ligada à sociedade.

O útero artificial se desdobra em onze capítulos: Admirável mundo novo; Rumo ao útero artificial; A nova biologia: repercussões sociais, culturais e religiosas; Pessoas, genes, embriões e pseudoembriões; Ectogênese e clonagem reprodutiva; Razões para fazer e não fazer; A quem isto diz respeito?; A condição feminina entre concepção e procriação medicamente assistida; Um filho da ectogênese?; Mães desempossadas ou mulheres liberadas?; A “mãe máquina”; A utopia fraternal. No final, o livro contém um glossário incluindo termos técnicos da biologia que contribui para que o texto se torne mais palatável para leitores de qualquer área.



Um argumento forte transversaliza o livro inteiro: sem diabolizar a técnica de intervenção da procriação, nem elegê-la como a redenção da sociedade, o autor discute o avanço da condição feminina e o delicado lugar das escolhas éticas. Acentuando a dimensão intercítica, comum a toda a sua obra, Atlan não procura respostas uniformes. Faz dialogar diferentes interlocutores, como romance, mitologia e conhecimento científico, traduzindo-os em verdadeiros operadores cognitivos que nos ajudam a compreender as ambiguidades, as consequências e as possibilidades que permeiam o desenvolvimento tecnocientífico.

É na obra *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley que Atlan se inspira. Para ele, o autor inglês constrói uma antevisão de um futuro no qual haveria um domínio quase integral da ciência e de suas técnicas. Para Huxley, daí surgiria uma sociedade totalitária, programática e desumana por meio da produção em série de indivíduos no Centro de Incubação e de Condicionamento. Aliado ao romance ficcional, Atlan acompanha o desenvolvimento do geneticista John B.S. Haldane na Conferência “Dédalo ou a Ciência e o Futuro”. Apropria-se do termo ectogênese de Haldane para designar toda técnica que possibilita o desenvolvimento de embriões fora do corpo da mulher, desde a fecundação até o parto.

260

As antevisões de Huxley e Haldane, que pareciam falaciosas para muitos, são anunciadas, hoje, por pesquisas em torno da ectogênese, como por exemplo a de Denis New e Robert Edwards, em 1970, em Cambridge; a de Yoshinori Kuwabara, na Universidade de Juntendo em Tóquio, na década de 1990; a de Helen Ching Liu e sua equipe, na Universidade Cornell dos Estados Unidos da América (EUA). Embora não se tenha concretizado um útero artificial, e as previsões, para que isso ocorra, variem de décadas a séculos, Atlan não deixa de advertir que as técnicas de procriação têm fins terapêuticos (substituindo incubadoras tradicionais, mantendo fetos e prevenindo abortos), e que elas extravasarão, *inevitavelmente*, essas indicações e passarão a atender aos desejos e interesses por filhos cuja procriação natural não é possível.

O autor surpreende ao afirmar que as técnicas e seus artefatos científicos, como a ectogênese, podem se constituir em um crime contra a humanidade, já que elas se propõem a fabricar seres humanos sob medida e cujas características serão determinadas por desejos de terceiros, mais ou menos interessados. “O caráter criminoso não está necessariamente ligado à dimensão biológica das ‘técnicas’ utilizadas, mas à sua finalidade e ao



contexto social da sua aplicação.” (p. 70). Afirma, também, em um tom categórico e político, que não é, apenas, a clonagem reprodutiva humana que se classifica como crime contra a humanidade, mas, igualmente, as políticas alienantes que atuam como condicionadores dos seres humanos. Pensar a ética nesse contexto é premente, mas não transpondo a discussão ética da sociedade para a biologia, e sim o inverso, pois as respostas dadas pela ciência são insuficientes.

Organismos híbridos, transgênicos e pseudoembriões são exemplos de uma nova biologia. Ultrapassa-se, assim, hoje, a natureza de uma ciência puramente da observação para se tornar da experimentação, como a física e a química. Produzem-se artefatos tecnológicos que inter cruzam o vivo e o não vivo, fazendo com que a linha divisória que separa esses dois domínios se torne cada vez mais porosa e tênue. A manipulação e a hibridização do vivo e do não vivo, tanto quanto a implantação de um pseudoembrião em um útero artificial, está contribuindo para a construção de um único e ímpar momento da história da humanidade: homens fabricados. Sua efetivação representará um divisor de águas na história do mundo? Instaurar-se-á a pós-humanidade? Nessa discussão, reconhecemos a originalidade e a coragem do autor em afirmar e referendar uma discussão que incomoda as ciências.

261

Diante disso, Atlan nos instiga a pensar: o que vai caracterizar a identidade pessoal? Qual é a identidade desse indivíduo diante da sociedade e da espécie? Qual é a natureza da espécie humana?

Para Henri Atlan, não podemos ter uma leitura simplista ou até mesmo equivocada. A grande sinergia entre as técnicas de reprodução humana por clonagem e ectogênese, já anunciada, em 1966, por Joshua Lodenberg, precisa ser ampliada. A problemática dessa questão não se limita à estrutura dos genes, pois indivíduos geneticamente idênticos não são perfeitamente iguais, porque haverá sempre interação entre sujeito, ambiente e cultura.

No *O útero artificial*, duas personagens ganham destaque: a mulher e a criança. A ectogênese libertará a mulher da última amarra de diferenciação entre os sexos – a fisiológica – para a procriação da espécie humana na Terra. Mas essa indiferenciação, que possibilitará uma igualdade social, política e cultural da mulher, provocará paralelamente uma perda da identidade feminina que foi construída em torno da maternidade. Enquanto a contracepção promoveu uma separação entre sexualidade e procriação, é, na ectogênese,



para Atlan, que se vivenciará uma separabilidade jamais vista: procriação e gravidez; mãe e filho. Nesse sentido, o sentimento maternal será “desencarnado”. Isso não quer dizer que ele desaparecerá, mas que sofrerá mudanças profundas na representação de se viver e pensar a maternidade.

Os papéis dos pais serão praticamente idênticos e reduzidos ao fornecimento de células. Estaremos diante de uma desbiologização das relações entre pais e filhos “[...] continuando e talvez concluindo uma transformação já iniciada, a parentela será cada vez mais social e cada vez menos biológica.” (p. 104). Um novo conceito de parentalidade e de estrutura familiar – monoparentais ou homoparentais – será construído. Dessa feita, as mudanças de identidade do homem e da mulher acarretarão consequências sociais e antropológicas que mudarão o destino da história da humanidade. O que falar das crianças? A desumanidade não estaria na biologia do ser, mas na negação das relações dessas crianças com a espécie e a sociedade. Para Atlan, a educação precisará ser mais decisiva do que nunca para minimizar as consequências da ectogênese. Os adultos terão que assegurar um clima afetivo, lúdico e intelectual, indispensável para o desenvolvimento pleno das crianças, associando amor e dever. Mas tudo isso sem cairmos no condicionamento previsto Huxley no *Admirável mundo novo*.

262

Por mais que a ectogênese promova uma igualdade entre os sexos, ainda será preciso retirar o óvulo cirurgicamente da mulher. Além disso, existirão sempre mulheres que escolherão o método natural da maternidade! No atual desenvolvimento da ciência – rumo à ectogênese – abrem-se vários caminhos e desafios conceituais, epistemológicos e práticos. Em razão disso, Atlan recorre aos mitos de origem, em especial, o bíblico de Adão e Eva, uma vez que eles nos possibilitam uma polissemia de interpretações e imagens. Um imaginário retorno ao Éden só será possível pela humanização dos homens, mas esse retorno será agora viabilizado pela técnica já que ela contribui para a eliminação progressiva da escravatura, do trabalho penoso, além de reduzir os inconvenientes fisiológicos da gravidez e da obrigatoriedade de laços afetivos e sociais determinados somente pela biologia. Nesse sentido, os mitos nos sinalizam pensamentos otimistas diante das tecnologias, podendo inclusive indicar uma oportunidade de reaver o prazer estético e intelectual, como também a ampliação da moral. Esse “regresso” ao Paraíso pressupõe, inevitavelmente, uma condição moral, isto é, que a compaixão, a justiça e a



preocupação com o próximo se impregnem em qualquer tipo de relação social construtora de futuro.

O livro não é a celebração de um pensamento romântico e ingênuo em relação às consequências do desenvolvimento da ciência. Antes, reforça uma visão não-determinística e casuística da vida e do futuro. Por mais que, em alguns momentos, Atlan assuma uma postura de antevisão de um futuro não catastrófico, reconhece a ambivalência da tecnociência, o que possibilita uma diversidade de apostas e de eventuais consequências para o mundo e para o ser humano. É possível que “[...] várias experiências biossociais poderão existir. Algumas poderão predominar e sobreviver, enquanto outras desaparecerão ou se transformarão.” (p. 122). O útero artificial é uma aposta em um futuro de possibilidades que são construídas pela liberdade. Não poderia ser outra a aposta de Henri Atlan que tem, em Spinoza, uma matriz importante para compreender o mundo dos outros e a si próprio.

Mestranda Ana Karinne de Moura Saraiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Natal
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Estudos da Complexidade | GRECOM
E-mail | anoka_20@hotmail.com

263

Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Natal
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Sociais
Grupo de Estudos da Complexidade | GRECOM
E-mail | calmeida17@hotmail.com

Recebido 14 dez. 2009

Aceito 15 mar. 2010